

DESIGNS, IMAGENS E MÍDIAS PODEM SER RACISTAS? UMA ANÁLISE SEMIÓTICA E DECOLONIAL

A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE ERASURE OF BLACK PEOPLE IN IMAGES AND PRODUCTS

Fátima Aparecida dos Santos¹

Resumo

Neste artigo trazemos um estudo sobre o *modus operandi* de processos que se utilizam dos mecanismos das expressões gráficas, design, design de produtos, algoritmos, publicidade e mídia hegemônica para promoverem aquilo que, a luz de Fanon e Mbembe promovem o 'apagamento' do povo negro. O sentido da palavra apagamento pode, de modo simplificado, ser traduzido como invisibilidade, mas para além de invisibilidade, revela como, ao longo do tempo, as ações de colonizadores promoveram esquecimentos culturais. Fundamentamos este artigo nos estudos decoloniais com Fanon, Mbembe e Mignolo; na semiótica da cultura e difusão do discurso com base em Lotman e Fontanille e, por fim com base nos estudos contemporâneos sobre biopolítica de Rancière e Agamben. Ao final, exemplificamos tais processos a partir da análise de peças gráficas, dispositivos tecnológicos, softwares e reportagens. Concluímos com a necessidade de estudos críticos que promovam maior entendimento sobre o tema a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: decolonialidade; semiose; discurso; imagem; produto; racismo.

Abstract

In this article we bring a study on the *modus operandi* of processes that use the mechanisms of graphic expressions, design, product design, algorithms, advertising and hegemonic media to promote what, in the light of Fanon and Mbembe, promote the 'erasure' of black people. The meaning of the word erasure can, in a simplified way, be translated as invisibility, but in addition to invisibility, it reveals how, over time, the actions of colonizers promoted cultural forgetfulness. We base this article on decolonial studies with Fanon, Mbembe and Mignolo; in the semiotics of culture and diffusion of discourse based on Lotman and Fontanille and, finally, based on contemporary studies on biopolitics by Rancière and Agamben. In the end, we exemplify such processes from the analysis of graphic pieces, technological devices, software and reports. We conclude with the need for critical studies that promote greater understanding on the subject in order to build a more just and egalitarian Society.

Keywords: decoloniality; semiosis; speech; image; product; racism.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC SP (2007) Professora Associada IV na UnB, email: designerfatima45@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1009-8235>

1. Introdução

Pretende-se neste artigo construir relações entre os estudos semióticos, especialmente do discurso e da cultura, e os estudos decoloniais como fundamento para análise de designs, produtos, publicidade e mídia. Tem-se como objeto denunciar práticas hegemônicas que uma vez ensinadas nas universidades brasileiras e aplicadas a projeção de artefatos gráficos, digitais e de produtos, acabam por gerar discriminação racial. Trabalha-se com o momento atual que pode ser entendido como virada de chave das universidades brasileiras. Observa-se que as cotas implementadas nas universidades públicas federais em 2012 alcançaram em 2022 o percentual pretendido com a lei e deste modo se pode perceber mudanças nos objetos de pesquisa e possibilidades produção de científica que olhem mais para as questões da população brasileira. O *corpus* da investigação será especificamente a análise de projetos e inovações que, de algum modo, não funcionam ou comunicam da mesma forma para as diferentes etnias que compõem a população brasileira. Pretende-se demonstrar como em algumas pesquisas, realizadas por estudantes de design e arte tecnologia foram desenvolvidos experimentos que superam os parâmetros comerciais e operam a partir de outros índices que não a cor da pele e das características fenotípicas.

No começo do século XXI, algumas universidades como a UnB e a UERJ adotaram o sistema e cotas para Negros. Na Universidade de Brasília a implementação das cotas aconteceu a partir do trabalho realizado pela comissão composta por professores da área de educação, da sociologia e da antropologia, dentre tais professores, destaca-se o papel fundamental do professor José Jorge de Carvalho, titular do departamento de antropologia e referência no projeto chamado Encontro de Saberes. O professor Jorge, como chamamos, trabalhou com afinco na esperança de que:

[...] à medida que as cotas avançarem para a pós-graduação e à docência e que o Encontro de Saberes avançar para mais universidades, a presença cada vez maior de negros e indígenas na discencia e na docência e de mestres negros e indígenas ensinando seus saberes não ocidentais fará com que a fisionomia colonizada que foi instalada no início e mantida até recentemente comece a diminuir, até desaparecer completamente. (CARVALHO in COSTA, MALDONADO-TORRES e, GROSGOUEL 2018, p. 90)

José Jorge de Carvalho (op. cit), tem promovido por meio de suas pesquisas e grupo de trabalho, o encontro entre os saberes ditos acadêmicos e o conhecimento transcendental de povos originários, procura repensar a universidade como lugar de construção de conhecimento monoepistêmico, ocidentalizado, focado no processo de produção com foco na acumulação de capital, para uma universidade pluriepistêmica na qual os conhecimentos, produzidos por diversos povos e culturas trabalhem em diálogo e com igual papel no mundo com foco no bem viver e na igualdade.

O encontro da semiótica com as decolonialidades já vem acontecendo desde os escritos seminais da área. Ribeiro, Mignolo, Fanon, Mbembe, Babha entre outros pensadores evidenciam o papel da linguagem como modelizadora de autorreconhecimento, produtora de territorialidades e portadora de memórias para as identidades e culturas dos povos. Bem como, o destruidor papel que a língua dos colonizadores exerceu sobre os povos dominados no mundo todo.

Mignolo (op. cit. p. 37) salienta que na leitura do sistema mundo o conceito de semiose colonial (...) foi necessário para explicar um conjunto de complexos fenômenos sociais e históricos para evitar a noção de "transculturação". O termo semiose colonial enfatizou os

conflitos gerados pela colonialidade no nível das interações sócio-semióticas, isto é, no terreno dos signos. Para Mignolo (op. cit. p.38), à medida que a palavra cultura teve seu significado alterado daquilo que sinalizava os costumes e hábitos de determinado grupo para definir, até de modo jocoso, a diferença entre civilização e primitivismo, como um olhar voltado para os processos de acumulação, a semiose colonial passou a ignorar o termo cultura.

Finalmente, Mignolo afirma que a:

Semiose colonial visa identificar momentos precisos de tensão no conflito entre duas histórias e saberes locais, uma reagindo no sentido de avançar para um projeto global planejado para se impor, e outros visando às histórias e saberes locais forçados a se acomodar a essa nova realidade. Assim, a semiose colonial exige uma hermenêutica pluritópica pois, no conflito, nas fendas e fissuras onde se origina o conflito, é inaceitável uma descrição unilateral. Mas não é só isso, porque enquanto o primeiro problema era examinar os espaços intermediários, o segundo era como gerar conhecimento a partir desses espaços liminares, em vez de, por exemplo, do Espírito ou Ser. (MIGNOLO, 2003, p. 41)

No trecho citado de Mignolo é percebido que ele, assim como Lotman, consideram a língua como sistema modelizante primário (LOTMAN, 1996), e é ao mesmo tempo o sistema de códigos discretos utilizado para traduzir todos os outros sistemas de códigos, além de operar como principal e mais econômico sistema lógico capaz de traduzir pensamentos, sentimentos, imaginários, sonhos e devires.

O pensamento decolonial, naquilo que tange a língua salienta, como já dito, a miséria do processo de colonização que impõe uma língua ao colonizado e que esta passa a ter que conseguir expressar todo sistema cosmológico daquele povo. Obviamente que como o colonizador não se interessa por isso e não assume o linguajar como processo que mereça atenção, essa imposição de uma língua à força produz mecanismos de apagamento cultural devastadores. Em Fanon (2020), tal apagamento foi responsável pelo adoecimento mental dos povos do continente africano inteiro mesmo após séculos de colonização.

2. Começando por Fanon e Mbembe.

No primeiro capítulo de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Frantz Fanon (2020) escreve sobre o negro e a linguagem, como médico psiquiatra. Para ele a linguagem constrói um ser humano, negro, que se constitui na diferença e na inexistência per se, está sempre em comparação ao outro e num devir a tornar-se homem.

O autor que nasceu nas Antilhas, migrou para a França, pertenceu ao exército francês e se deparou como instrumento branco para aniquilação dos seus semelhantes, formou-se em medicina, mudou-se para a Argélia e lá decidiu contribuir para a libertação das coloniais francesas. Escreve que:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro. Que essa cissiparidade seja consequência direta da aventura colonialista, não resta nenhuma dúvida... Que ela alimente sua veia principal no coração das diversas teorias que pretenderam fazer do negro o lento encaminhamento do macaco ao homem, ninguém ousa contestar. São evidências objetivas, que expressam a realidade. (FANON, 2020, p. 32)

Assim, falar e expressar é, antes de ser capaz de construir sintaxes, ser capaz de suportar o peso de determinada civilização. Para Fanon (2020), as relações culturais enfrentadas pelas colônias e ex-colônias francesas na África e América eram unívocas e nunca foram construídas num processo equilibrado de troca. Nesse processo salienta que abandonar as expressões próprias da linguagem em prol de um pertencimento linguístico com a França fazia com que os colonos se afastassem cada vez mais da sua negritude e desejassem um certo simulacro europeu, num processo de aculturação, esquizofrenia e não lugar.

Para Fanon, falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. Neste artigo considera-se que, para além da língua, o processo de colonização se deu e se dá até hoje por meio de várias linguagens, sejam elas escritas em códigos discretos (linguagem verbal, linguagem matemática etc.) ou não discretos (pintura, fotografia, desenho). Assim, desde a forma de se sentar, o tom da voz, a etiqueta à mesa ou até mesmo os objetos de uso e os destaques ou não dos traços identitários são modelizados pela relação centro-periferia.

Após a introdução e percurso teórico apresentado no presente texto, a primeira questão que se apresenta é como uma cultura, um povo, uma raça continuam a existir física e simbolicamente quando é obrigada a expressar-se somente com a língua do colonizador ou pior quando o outro não domina também ou não respeita as linguagens desse povo? Como manter a capacidade de expressão depois de anos e anos de processo de aculturação?

Como anuncia no título "Pele Negra, Máscaras Brancas", Fanon segue uma perspectiva psicanalítica que observa por meio da linguagem e das representações tanto o não pertencimento do negro, quanto o apagamento da sua possibilidade de pertencer pois para tanto necessita tornar-se um simulacro de branco e nesse processo perde o caminho de volta para si e nunca será reconhecimento como igual ao colonizador. Assim, é sempre um devir, devir a ser considerado homem por si, devir a ser considerado igual. Ao encerrar o livro, Fanon escreve que:

O negro não existe. Não mais do que o branco (...) É por meio de um esforço de resgate de si mesmo e de depuração, é por meio de uma tensão permanente da sua liberdade que os seres humanos podem criar as condições ideais para a existência de um mundo humano. (2020, p. 242)

Achille Mbembe, professor Camaronês, autor de *Crítica da Razão Negra* e outros textos fundamentais do pensamento afrodiaspórico, tem enfrentado questões relacionadas a produção de pensamento europeu, ocidental, colonizador como único e que é apresentado como universal. A universalidade baseada em um único vetor e possibilidade de viver, opera por um lado como uniformização de saberes e por outro lado como normalizador dos processos de apagamento cultural próprio dos processos de colonização.

Em *Crítica da Razão Negra* (2018, p. 143) Mbembe conduz a sua escrita para o entendimento dos marcos canônicos do discurso negro: a escravidão, a colonização e o *apartheid*. Advém destes três marcos, três marcas no processo de autoconhecimento e 'autofazimento' do homem colonizado: a separação de si mesmo; a desapropriação e a degradação. Neste último Mbembe diz que tal degradação não teria somente mergulhado o homem negro a condição servil, mas no fundo o submetido a uma morte civil, caracterizada pela negação da dignidade, pela dispersão e pelo tormento do exílio. Não há como entender os aspectos econômicos, o funcionamento do capitalismo e os ruídos da democracia sem considerar o racismo como um 'chiste' desse processo.

Mbembe (2018, p. 12) afirma que o projeto moderno de conhecimento e de governo representam figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu. Coloca o processo de

exclusão a partir da aparência, origem, raça como uma característica do moderno. Continua afirmando que:

Ao reduzir o corpo e o ser à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres. (2018, p. 13)

Mbembe extrapola a questão colonial para o modelo democrático contemporâneo que a luz de Agamben (2015) institui como normalizado o estado de exceção, os novos campos de concentração e vetam de fato a busca por uma outra forma de política que construa a vida. Segundo ele:

E de modo diferente, mas análogo, hoje o projeto democrático-capitalista de eliminar, através do desenvolvimento, as classes pobres não só reproduz no seu interior o povo dos excluídos, mas transforma em vida nua todas as populações do terceiro mundo. Somente uma política que tiver sabido prestar contas da cisão biopolítica fundamental do Ocidente poderá deter essa oscilação e colocar um fim na guerra civil que divide os povos e as cidades da terra. (AGAMBEN, 2015, p. 40)

Assim, conforme pontua Mbembe, Agamben e Rancière consideram que a democracia, o capitalismo e o liberalismo vendem a ilusão de um governo do povo e para o povo, que contém em si uma cisalha e admite processos de exclusão. Em tal processo de exclusão, para Mbembe, a necropolítica seria o preço que as democracias capitalistas admitem como natural para continuar existindo.

Rancière (2015, p.28) define a democracia atual como geradora de adultos adolescentes mimados que buscam a satisfação de seus pequenos desejos. Certamente que hoje a palavra democracia se faz na tradução basicamente do direito ao consumo ou a optar por um regime político e econômico que garanta a todos que podem consumir, mas não que todos de fato vão. Para Rancière (2015, p. 15) a crise da democracia atual reside no aumento irreversível das demandas que pressionam os governos. Apesar do apontamento de Rancière e Agamben, em Mbembe fica expresso que a morte das minorias se tornou uma política de Estado.

Além de Fanon, Agamben e Mbembe é importante destacar o papel de pensadores latino-americanos da cultura como Echeverria. Para Echeverria (2013, p. 75), a atualidade se manifesta como um compromisso entre a permanência e a evanescência, como a solução de um conflito entre o ser e o nada. O autor lembra que no processo de reprodução social a semiose é inerente. Assim, os processos sociais contemporâneos apontam para a permanência de uma política de morte, apagamento e extermínio naturalizados. Entende-se que o pensamento decolonial contemporâneo é atravessado por duas questões iniciais: a necropolítica e a inexistência da busca por um modelo democrático que incorpore em si o compromisso do bem viver a todos os seres vivos. Por necropolítica entende-se toda e qualquer forma de política que perpetue o extermínio do povo preto e outras minorias. A democracia contemporânea tem a morte do povo negro naturalizada por meio das políticas, que mais do que excluir, condenam à invisibilidade e normalizam os genocídios dos pretos e pobres. Tal normalização, opera no não estranhamento da notícia de centenas de milhares de mortes, sejam elas em naufrágios no Mediterrâneo e na Ásia ou nos novos guetos e campos de

concentração, favelas, campos de refugiados, entre outros. Tanto em Fanon quanto em Mbembe a linguagem, as oposições, os discursos constituem-se processos de "fazimento" de humanidade e, portanto, de existência, de expressão da existência e da potência de um vir a ser finalmente humano.

3. Do Design à Polícia: o *Modus Operandi* do Apagamento

No dia vinte e cinco de agosto de 2023, ocorreu no auditório da Associação dos Professores da Universidade de Brasília, o evento chamado Inspira. O Inspira faz parte do acolhimento de calouros dos cursos de graduação da UnB. Na edição deste semestre (2ª de 2023) recebeu a cientista da computação Nina da Hora. Nina é uma jovem negra, referência em ciência computacional antirracista. Um dos exemplos dados por Nina, mas já percebido pelas pessoas negras, é a dificuldade de acionamentos das torneiras por raios infravermelhos por pessoas negras.

Já no artigo intitulado '*Sensitivity of Infrared Sensor Faucet on Different Skin Colours and How it Can Potentially Effect Equity*'² (REN, HEACOCK, 2022) relata a pesquisa realizada na *BCIT School of Health Sciences, Environmental Health*. Os pesquisadores testaram a reação do sensor infravermelho de um determinado tipo de torneira a diferentes tons de pele. Eles trabalharam com trinta cartões coloridos para cada um dos seis tipos de tonalidades de pele definidos pela escala Fitzpatrick, recortaram esses cartões no formato de mãos, de modo a cobrir a pele do pesquisador e registraram o tempo gasto para acionamento da torneira, a quantidade de água que fluiu a partir de cada acionamento e por fim o tempo em que a torneira permaneceu em funcionamento. Os pesquisadores utilizaram o teste ANOVA e o resultado indicou que o tempo para água ser liberada pela torneira foi significativamente diferente para diferentes tons de pele. Conforme a cor da pele ficava mais escura, mais tempo era necessário para a torneira ser acionada. O teste ANOVA indicou em 100% que os resultados provavelmente estariam corretos. Realizada na época da pandemia de COVID 2019, a pesquisa não apenas mostra o mal funcionamento da torneira, mas indicia uma possibilidade maior de adoecimento desses usuários uma vez que dispensadores de sabão e água funcionavam com a mesma tecnologia e não permitia a higiene das mãos de forma igualitária. Ainda em tempo, para peles negras retintas a torneira sequer dispensa água na maioria das vezes.

Mignolo (op. cit. p.297) diz que:

A língua também envolve o problema da formação do cânone, a forma como os valores nacionais e ocidentais vêm sendo entrelaçados para produzir mapas linguísticos, as geografias históricas e as paisagens culturais do sistema mundo colonial/moderno, dentro de sua lógica interna (por exemplo, conflitos imperiais) bem como em suas fronteiras externas (por exemplo, conflitos com "outras culturas"; a diferença colonial).

Assim, quando se reflete sobre a questão do reconhecimento dos tons de pele por tecnologias embarcadas em objetos cotidianos, percebe-se que a linguagem de programação, os códigos, as interfaces entre humano e máquina também falam a partir de centros de poder, de modo que os periféricos e não brancos têm que criar mediações de fronteira para conseguir interagir e participar da conformação do mundo por meio dos designs e interações. Considera-

² Publicado em <https://journals.bcit.ca/index.php/ehj/article/view/216> em 17/08/2022 e acessado em 01/09/2024.

se que o fato de latino americanos, brasileiros, universitários testarem linguagens e tecnologias, denunciarem esses processos como fez Nina e bilinguajarem (MIGNOLO, op. cit. p. 331) na busca pela reversão da exclusão tecnológica já é um passo importante que talvez possa ser confirmado como a virada anunciada no começo deste texto.

Em 2018 já era possível elencar tecnologias que acionavam dispositivos por outros princípios como por exemplo a tecnologia *open source* Arduino. Trata-se de uma tecnologia livre com periférico, hardware e programação aberta que permite traduzir movimento, calor, umidade e outras grandezas físicas quantitativas para um computador e ele devolver com acionamentos. Sá (2018) desenvolve em seu trabalho de conclusão do curso de Design – Programação Visual, a apresentação de uma identidade visual que, uma vez projetada na parede por um projetor, movimentava-se identificando variáveis produzidas pelo corpo humano, como calor, movimento, sonoridade. Além do Hardware, Sá programou as interações a partir da IDE Arduino, uma linguagem de programação baseada em C++ semelhante ao Java Script. Sá descreve ainda os equipamentos utilizados:

A prototipagem foi realizada com: placa Arduino Uno; diversos tipos de cabos conectores jumpers; protoboard; sensores Passive Infrared (PIR) para captação de presença; Light Dependent Resistor (LDR) para registro de luminosidade; Módulo LM393 para extração de dados sonoros e DHT11 para captação de temperatura e umidade. (2018,p.73)

Continuando com os exemplos tecnológicos, uma outra forma de apagamento pode ser observada em filtros da rede social Instagram. Várias são as manifestações a respeito da descaracterização e homogeneização dos traços étnicos (Figura1). Observa-se que o padrão de embelezamento entendido pela linguagem de programação de tais filtros passa por aproximar qualquer rosto de um rosto branco. Conforme denúncia no site <http://medium.com> no artigo embelezar ou embranquecer?

Figura 1: Atuação de filtros no Instagram.



Fonte: <https://medium.com/codingrights/embelezar-ou-embranquecer-201fc741257b>

Se no caso da torneira, a melanina define quem pode ou não higienizar as mãos, no caso dos filtros do Instagram, o belo é reduzido a um conjunto de características fenotípicas brancas. Nesses dois exemplos pode se considerar como um apagamento simbólico até acidental, mas o fato é que, ainda que sutil, os dois exemplos revelam ações do apagamento.

Figura 2: Publicidade do governo do Distrito Federal.



<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/14/propaganda-do-governo-do-df-associa-cabelo-de-homem-negro-a-queimadas>

O caso muda de figura no *poster* da campanha contra queimadas (Figura2) publicado pelo governo do Distrito Federal. Não por acaso, toda comunidade negra de Brasília se levantou com indignação e protesto contra a propaganda do governo. A figura três mostra o rosto de um homem negro hibridizado com a figura de uma árvore em chama, a árvore em chamas continua o contorno dos cabelos afro e leva o observador a perceber os dois: árvore em chama e homem, um como sendo continuidade do outro. O desconforto se dá exatamente pela dupla interpretação em conjunto com o enunciado do texto "combater queimadas é preservar a nossa própria natureza". Obviamente é possível observar que a palavra queimadas se relaciona tanto com a mata em chama quanto com o homem negro. A mesma campanha trouxe um segundo cartaz com uma mulher negra no lugar do homem, desta vez a relação entre texto e imagem se fechou ainda mais na dupla função da palavra queimada, que operou como sujeito para o fogo na mata, mas também como adjetivo relacionado à pele das pessoas. Depois da indignação da comunidade, foram sendo apresentados cartazes com pessoas loiras e ruivas, mas a peça publicitária inicial não deixou de continuar causando espanto pelo texto subliminar capaz de ser inferido por meio de seu enunciado.

Até aqui foram apresentadas a análise de mecanismos de apagamento construído por meio de códigos não discretos, códigos de programação, interface homem x máquina que consideram apenas o branco como referência. Esses exemplos sutis compõem com apagamentos violentos, que como já assinalado junto com Mbembe, fazem parte da necropolítica como resíduo aceitável da democracia.

Figura 3: Tela do site da CNN Brasil.



<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ao-menos-cinco-pessoas-negras-foram-mortas-pela-policia-por-dia-em-2021-aponta-pesquisa/>

O Estado brasileiro parece normalizar a morte de jovens negros periféricos. Na figura 3, foi capturada a notícia publicada no site da CNN sobre as mortes feitas pelo aparato do Estado ou pela sua omissão. O cartaz segurado pelo manifestante traz o texto "Brasil mata 82 jovens por dia, 77 por cento são negros".

A partir das sutilezas e produção simbólica elencadas nos exemplos anteriores verifica-se que o apagamento do povo preto vai desde não poder lavar as mãos, não ter seus traços considerados como belos, poder ter seu rosto, cor de pele e textura do cabelo relacionadas deliberadamente com as queimadas a serem combatidas pelo governo.

Por fim, no texto jornalístico, escrito em código discreto e ilustrado pela fotografia dos manifestantes, verifica-se que tanto a torneira quanto a notícia operam como mecanismos de apagamento. Pessoas negras são invisibilizadas pelas tecnologias embarcadas. Tal situação pode ser considerada a partir de um racismo estrutural que bloqueia a diversidade dos povos na produção científica do mundo. Em termos de design, observa-se que a universalidade do funcionamento e o perfil do usuário foi ignorado no projeto da torneira e na programação do filtro do Instagram.

O importante papel das redes sociais como depositárias de memórias sucumbe ao não preservar traços identitários dos usuários. Pode-se ia alegar que utilizar filtros é uma escolha, essa escolha é selecionada pelo usuário, mas o fato dela existir já denuncia a ideologia de um povo escolhido até para ter as memórias circulando nas redes sociais.

Quanto à notícia da CNN verifica-se que todo o apagamento simbólico é manifestação de uma realidade cruel, no qual o apagamento torna-se assassinato e necropolítica.

4. Pensamento Decolonial, Difusão Cultural e Semiótica da Cultura

É possível explicar os mecanismos de apagamento relacionados até agora no texto tendo como fundamento a semiótica da cultura. Jacques Fontanille (2019, p. 282 a 285) constrói uma relação entre a Semiótica do Discurso, os processos de emergência na cultura e a Semiótica da Cultura. Para Fontanille, é possível encontrar, no escopo do campo da cultura e na própria

semiosfera, relações de força de assunção e extensão de reconhecimento. As relações entre essas forças resultam em quatro possibilidades de ações causadas pelos discursos, conforme sintetizado no artigo “Semiosferas e formas de vida” (SANTOS, 2021):

1. quando em uma dada semiosfera se observa a diminuição da intensidade de um discurso aliada também à diminuição do desdobramento e da difusão das informações, tal relação resulta em exclusão dos elementos específicos de trocas de informação naquela cultura. Em outras palavras, quando uma máquina semiótica diminui a intensidade de geração de semioses e ao mesmo tempo os produtos gerados não são divulgados com intensidade isso resulta no desaparecimento da pluralidade, dos elementos distintivos característicos daquela cultura;
2. quando em uma dada semiosfera se observa o aumento da intensidade de um discurso aliado ao aumento do desdobramento e difusão, tais ações resultam em desdobramento universal fazendo com que aquele discurso alcance outras culturas;
3. quando observamos o aumento da intensidade aliado à diminuição ou constância do desdobramento e difusão isso resulta na explosão do estranho. Isso significa dizer que quando ao mesmo tempo que um discurso é intensificado, mas empobrecido tanto na geração de semioses e, portanto, diminuição da difusão ocorre a explosão. Tal explosão advém dos estudos de Lotman sobre o ressurgimento de determinados signos na cultura por processos mais violentos. Em outras palavras, para isso acontecer, temos um grupo que troca pouco com outros grupos diversos e ao mesmo tempo é bombardeado constantemente por um dado discurso. Esse processo gera uma distopia, uma diferença por assim dizer de temperatura e como uma panela de pressão, esse grupo bombardeado e em desconexão com a realidade tende a uma ação violenta e gratuita;
4. ainda, em uma última possibilidade quando um discurso assume um movimento de constância ou diminuição da intensidade e aumento do desdobramento e difusão, aquilo que a princípio era aceito e familiar a um grupo torna-se uma ideia ou um discurso familiar a cada vez mais sujeitos pertencentes a essa cultura e ao contrário do item três permite troca e crescimento sem violência.

5. Considerações Finais

Ao final deste artigo pode se concluir que construção de uma epistemologia decolonial passa por identificar como se dão os mecanismos semióticos que instituem tanto o processo de normalização da necropolítica quanto, por meio do desvelamento de tais mecanismos semióticos de apagamento da existência e processo de morte, simbólica ou real. Cabe aos materializadores da cultura como os designers reconhecer seus acionamentos e propor um contra modelo ou novos mecanismos semióticos de aparecimento e inscrições para uma existência mais plural.

Os índices de tal investigação apontam para mecanismos mais brutais do que os trânsitos semióticos da cultura pois para os pensadores adotados neste texto para o estudar o tema, a necropolítica não é um resíduo acidental da democracia, mas sim um projeto de extermínio que visa diminuir de modo mórbido e constante as diferenças, não por construção de condições mais igualitárias, mas sim pelo apagamento ou construção de uma certa

insignificância do outro.

Conforme já foi dito, tal construção da não significância se dá tanto fisicamente, com verdadeiros processos de extermínio, genocídios e normalização desses pela mídia e opinião pública quanto simbolicamente com a difusão cultural modelar de um certo padrão de beleza ou de lógica.

Além disso, há que se discutir ainda, considerando o modelo de difusão de Fontanille, como o apagamento também é construído a partir das forças presentes na cultura. A desvalidação de traços culturais, a associação desses traços como sendo algo ruim ou até mesmo demonizado, a desumanização do humano são discursos constantes, enraizados e reverberados.

Está posto o desafio da construção de saberes e o seu papel na proposição de uma universidade que pense nas multiplicidades culturais e étnicas no processo de projeção a fim de abarcar e representar toda a potência do humano.

A necropolítica é construída com discursos silenciosos, quando a figura do mau, do bandido, do estranho é projetada com base nas características dos povos pretos e minorias por um lado e, quando toda ideia de ascensão, de sucesso, de ética e pertencimento é representada pelo povo branco, exemplos disso estão aos montes nas mídias.

Com este texto espera-se tocar a sensibilidade de futuros profissionais e pensadores da área de design a alcançarem expressões gráficas, projetos e toda espécie de materialidades e representações da vida de modo mais plural e representativos das diferenças étnicas. Alertando para o risco de contribuição com projetos eugenistas e preconceituosos mas salientando que é papel fundamental daqueles que tiveram acesso ao conhecimento a construção para um mundo mais plural e digno.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre política. São Paulo: Autêntica, 2015.

_____. Forma-de-vida *in* **Meios sem fim**: notas sobre a política. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **O aberto**: o homem e o animal. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, José Jorge. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras *in* BERNADINO - COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Definición de la cultura**. 2ª ed. México: Italaca, 2010.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Sebastião Nascimento colaboração Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020 (1ª reimpressão)

_____. **Escritos Políticos**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Boi Tempo, 2021.

FONTANILLE, Jacques. **Formas de Vida**. Trad. Desiderio Blanco. Primera edición digital. Lima: Universidad de Lima, col. biblioteca Universidad de Lima, 2018.

____. **Semiótica do Discurso**. Trad. Jean Cristus Portela. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Trad. Desidério Navarro. Madrid: Edições Cátedra, 1996.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. 1ª ed. rev. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **Ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SÁ, Alice Araújo Marques. **Design, Inovação e Estratégias Naturais**: Aplicações de Princípios Biomiméticos e Biofílicos em Projetos Criativos. Trabalho de Conclusão do Curso de Design, habilitação em Programação Visual da Universidade de Brasília, defendido em 2018.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. Semiosferas e formas de vida *in* **Passagens**; v. 12 n. 1 (2021): Dossiê Semiótica e Culturas da Comunicação; 33-47. Fortaleza: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: [Semiosferas e formas de vida: índices da necessidade a compreensão de interrelações culturais | Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará \(ufc.br\)](#).

REN, Xiao Qi e HEACOCK, Helen. **Sensitivity of infrared sensor faucet on diferente skin colours and how it can potentially effect equity in public health**. BCIT Environmental Public Health Journal. CANADÁ: British Columbia, Burnaby, 2022.